



Projeto Nacional de Qualificação Profissional - CUT Brasil
Programa Integração

Quem luta também
educa

Módulo 5:
Comunicação,
Cultura & Sociedade
ENSINO MÉDIO

**CADERNO DE
ORIENTAÇÃO
METODOLÓGICA**

**QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL,
ENSINO FUNDAMENTAL E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E
SOLIDÁRIO**

2001

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas "originais"; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, "socializá-las" por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais
(...)

O fato de que em uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato "filosófico" bem mais importante e "original" do que a descoberta, por parte de um "gênio filosófico", de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

(Antonio Gramsci)

Caros companheiras e companheiros,

Mais do que tudo, a tarefa de nos educarmos é um ato político. Na medida em que a política, entre muitas coisas, consiste numa luta para fazer prevalecer determinados interesses, é necessário que nós trabalhadores agreguemos o máximo de forças possível na defesa dos nossos interesses. Não havendo na política espaços vazios, somente através de um conjunto articulado de ações poderemos ampliar o nosso poder de influência na esfera pública.

Ao iniciarmos mais esta jornada, estamos certos de que cada um de nós, em cada momento, em cada lugar, estará imbuído da determinação de bem executarmos nossa tarefa.

Lembrando que um dos objetivos da Secretaria Nacional de Formação da CUT, desde a implementação do Módulo I dos cursos no Programa Integração, foi socializar a proposta metodológica e aprofundá-la continuamente, na medida em que esta metodologia não é instituída, mas que vai sendo constituída no processo de ensino e aprendizagem, sendo fruto da participação de cada um, como indivíduo e como membro de um coletivo.

Uma metodologia que considera as diferentes subjetividades e suas características, mas que fundamenta-se naquilo que é a essência humana, o fato de sermos seres sociais constituídos a partir da nossa relação intencional com a natureza e com os outros humanos.

Entender essa função natural e eterna, que é o intercâmbio orgânico entre o homem e a natureza, é entender a própria vida dos homens. Através desse intercâmbio, ao qual damos o nome de trabalho, dá-se uma dupla transformação. O homem transforma a natureza e com o produto desse trabalho, as relações sociais. Sendo simultaneamente transformado pelo trabalho e por essas relações.

Entretanto, dizer que o trabalho é o próprio sentido inarredável da vida, não é o mesmo que dizer que é seu único sentido, o que seria um completo absurdo. Para que a vida seja repleta de sentido é preciso abrir espaço para o riso, a festa, a música, a poesia, a dança, a filosofia, a pintura, o beijo, o amor, a amizade, o momento de criação, o tempo da liberdade. A liberdade que advém não da ausência de determinações, mas do conhecimento de tais determinações, possibilitando aos homens dominá-las e dirigi-las para o fim ao qual pretendem. Só assim, o ser social poderá se humanizar e emancipar em seu sentido mais profundo.

Bom trabalho a todos!

SUMÁRIO

Apresentação

Módulo 5 - Ensino Médio

Objetivos Gerais.....	1
Objetivos Específicos.....	1
Temas.....	2
Fichas.....	2
Abordagem I.....	4
Abordagem II.....	17
Abordagem III.....	23
Abordagem IV.....	28

ÁREA

COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

MÓDULO 5 - ENSINO MÉDIO

Objetivos Gerais:

Desenvolver o processo ensino-aprendizagem para possibilitar a apreensão:

- ✓ o debate sobre o conceito de cultura articulando as diferentes concepções de mundo, tendo a categoria trabalho como fundante na mediação com a natureza e na re/produção das relações sociais;
- ✓ das relações entre mídia, poder político e construção de consensos na sociedade contemporânea.

Objetivos específicos:

- ✓ Abordar sobre Cultura, Ideologia e Hegemonia;
- ✓ Discutir sobre a formação do Estado e do pensamento social brasileiro com base no estudo de diferentes períodos históricos, problematizando os mitos constituídos sobre o Brasil e o Povo Brasileiro;
- ✓ Debater as relações de raça e gênero a partir da análise de diferentes momentos de nossa história e confrontar com os discursos acerca da cidadania;
- ✓ Estudar as diferentes linguagens e formas de expressão das idéias e da realidade;
- ✓ Possibilitar a leitura crítica de produções nos diferentes suportes de comunicação, envolvendo o debate sobre as relações entre a ideologia do consumo, exclusão social e violência;
- ✓ problematizar sobre os diversos "modelos" presentes no discurso hegemônico - que estabelecem padrões de relações familiares, de gênero, de comportamento, entre outros que estão, por vezes, naturalizados na sociedade em geral - a partir do desencadeamento de uma análise crítica com base na identificação das condições objetivas existentes e sua relação ou não com estes discursos;
- ✓ discutir a relação entre a educação institucionalizada, a organização da cultura e a construção de consensos na sociedade;

- ✓ debater sobre a influência da mídia/dos meios de comunicação na construção do pensamento hegemônico e os impactos no cotidiano social e político dos trabalhadores.
- ✓ debater sobre a cultura popular e cultura de massa: reprodução e resistência;
- ✓ realizar uma abordagem introdutória à estatística a partir da leitura e interpretação de tabelas e gráficos e elaboração de proposta de pesquisa estatística (tema, objetivos e metodologia), aprimorando a interpretação, formulação e reformulação de idéias, textos, contextos, situações-problemas e conceitos;
- ✓ debater sobre o conceito de cultura articulando as diferentes concepções de mundo, tendo a categoria trabalho como fundante na mediação com a natureza e na re/produção das relações sociais;
- ✓ aprofundar articulações entre dados, informações, contextos, problemas, e hipóteses.
- ✓ aprimorar a expressão oral e escrita, a partir da produção de textos envolvendo diferentes gêneros narrativos.

TEMAS:

- Trabalho, Cultura e Construção Social;
- Comunicação e Poder;
- Diversidade Cultural/Processos Culturais;
- Cultura, Ideologia e Hegemonia;
- Sociedade de Consumo/Exclusão Social
- Tempo e Espaço;
- Individualismo X Coletivismo;
- Gênero, Etnia, Gerações;
- Meios de Comunicação de Massa;
- Violência;
- Cultura Popular e Cultura de Massa.

Fichas do Módulo:

Ficha 1: Charge

Ficha 2: *A Deusa dos Raios Azulados*, de Ignácio de Loyola Brandão e *Vizinhos Internautas*, de Carlos Heitor Cony

Ficha 3: Textos para debate:

Texto 1: *Cultura de massa e cultura popular*, de Alfredo Bosi

Texto 2: *Cultura popular e período popular*, de Milton Santos

Ficha 4: Música: Bom Conselho - Chico Buarque e Caetano Veloso

Ficha 5: Textos para reflexão: Comunicação, Cultura e Sociedade

Ficha 6: *O Recital*, de Luiz Fernando Verissimo

Ficha 7: *Mulher desesperada mata marido* - Notícias Populares, *Tragédia brasileira*, de Manuel Bandeira

Ficha 8: *Gramática balística*, de Aniella A. Vaz

Ficha 9: *O arquivo*, de Vitor Giudice

Ficha 10: *A mitologia Verde-Amarela*, de Marilena Chauí

ABORDAGEM I:

Visa desenvolver os seguintes objetivos do módulo:

- ✓ Abordar sobre Cultura, ideologia e hegemonia;
- ✓ Discutir sobre a formação do Estado e do pensamento social brasileiro com base no estudo de diferentes períodos históricos, problematizando os mitos constituídos sobre o Brasil e o Povo Brasileiro;
- ✓ Debater as relações de raça e gênero a partir da análise de diferentes momentos de nossa história e confrontar com os discursos acerca da cidadania.

Subsídios para os Educadores:

CHAUÍ, Marilena. Capítulo: *Cultura Popular e autoritarismo*. In. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Editora Brasiliense. 5ª ed., 1993, p.p. 47-85.

GRAMSCI, Antonio. Capítulos: *A organização da escola e da cultura e Para a investigação do princípio educativo*. In. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 1982, p.p. 117-140

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Capítulo: *O homem cordial*. In. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro : Ed. José Olympio, 6ª ed., 1971, p.p.101-112.

OLIVEIRA, Francisco de. *Privatização do público, destruição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal*. In. *Os sentidos da democracia: política do dissenso e hegemonia global*. Francisco de Oliveira e Maria Célia Paoli (orgs.), Petrópolis : Editora Vozes, 1999, p.55-81.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990, p.p.11-61.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro : Ed. Record, 2000, p.p. 17-20 e 37-78

Anexo I:

Coleção Brasil História: texto e consulta. MARANHÃO, Ricardo e MENDES JR., Antonio (orgs.). Vários excertos - Vol. 3 (República Velha) e 4 (Era de Vargas). São Paulo. Ed. Brasiliense, 1981

A **Ficha 10**: A mitologia Verde-Amarela, de Marilena Chauí permite-nos realizar uma abordagem articulada com as demais fichas do módulo permeando a discussão sobre hegemonia, cultura, ideologia, sociedade, mediando com as demais fichas do módulo apontam temáticas diversas através de diferentes formas de linguagem: crônicas, artigos

jornalísticos, textos analíticos, charge, letra de música etc. Portanto, é possível propiciar um rico debate com aprofundamentos específicos de acordo com os objetivos previstos em cada caso, procurando sempre trabalhar de maneira articulada e fazendo emergir conteúdos trazidos pela turma para serem incorporados aos debates e reflexões durante as abordagens.

Material utilizado: Ficha 10: A mitologia Verde-Amarela -Marilena Chaui

Desenvolvimento 1

1º MOMENTO: Trabalhando com a epígrafe e preparando a leitura do texto

Ler as epígrafes e trabalhar a idéia de “fim do mundo”. Nessa discussão, recuperar a questão do nacionalismo e do patriotismo. Para isso fazer a leitura crítica do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (abaixo transcrita) e a comparação com a paródia feita por Gil e Torquato Neto.

CANÇÃO DO EXÍLIO

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeira,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossas vidas, mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;

Que qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.
(Coimbra, julho, 1843)

Atentar para o tom ufanista do poema; alguns de seus versos estão na letra do hino nacional brasileiro. Na paródia de Torquato Neto, se destacam a fome e a dor.

Nesse trabalho preparatório à leitura de estudo do texto pode-se usar as músicas *Que país é esse*, da Legião Urbana e *Aquarela Do Brasil*, de Ari Barroso, cujas letras estão transcritas a seguir.

Importante: Aqui seguem duas sugestões. No entanto, é importante levantar com a turma outras músicas possíveis de serem abordadas, considerando o objetivo do debate.

QUE PAÍS É ESTE <i>Renato Russo</i>	AQUARELA DO BRASIL <i>Ari Barroso</i>
Nas favelas, no Senado Sujeira pra todo lado Ninguém respeita a Constituição Mas todos acreditam no futuro da nação	Brasil, meu Brasil brasileiro Meu mulato inzoneiro Vou cantar-te Nos meus versos O Brasil samba que dá Bamboleio que faz gingar O Brasil do meu amor Terra de nosso senhor Brasil, Brasil, pra mim, pra mim.
Que país é este No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense Mato Grosso, nas Gerais e no Nordeste tudo em paz Na morte eu descanso mas o sangue anda solto Manchando os papéis, documentos fiéis Ao descanso do patrão	Ô abre a cortina do passado Tira a mãe preta do cerrado Bota o rei congo No congado Brasil, Brasil Deixa cantar de novo O trovador A merencória luz da lua Toda canção do meu amor Quero ver essa dona caminhando Pelos salões arrastando O seu vestido rendado Brasil, Brasil...
Que país é este Terceiro mundo se for Piada no exterior Mas o Brasil vai ficar rico Vamos faturar um milhão Quando vendermos todas as almas Dos nossos índios em um leilão	Brasil terra boa e gostosa De morena sestrosa De olhar indiscreto O Brasil samba que dá Bamboleio que faz gingar O Brasil do meu amor Terra de nosso senhor Brasil, Brasil...
Que país é este (in Legião Urbana, Mais do Menos, EMI, 1998)	

	<p>Ô esse coqueiro que dá coco Ô onde amarro minha rede Nas noites claras de luar Ô ouve essas fontes murmurantes Ô onde eu mato a minha sede E onde a lua vem brincar Ô esse Brasil lindo e trigueiro É o meu Brasil brasileiro Terra de samba e pandeira Brasil, Brasil Pra mim, pra mim.</p>
--	---

Atividades com as músicas:

- Se possível ouvir as duas músicas, procurando prestar atenção nas letras. Em seguida, perguntar quem já conhecia as músicas, em que circunstância ouvem elas, se gostam delas, etc. É muito provável que a grande maioria conheça *Aquarela do Brasil*, recentemente eleita a música do século pela Globo e, veiculado uma mini-série com mesmo nome e tema; uns tantos alunos podem conhecer a música *Que país é esse*, do conjunto Legião Urbana.
- Com a classe em plenária, localizar historicamente as músicas: quando cada uma delas foi produzida (anos 40 e anos 90); nesse trabalho, buscar elementos do próprio objeto de análise que “documentem” a época de produção (considerar o gênero musical, o estilo, o vocabulário, as referências culturais e políticas). Seria interessante, buscar outras referências musicais / culturais que podem ser associadas a uma ou outra música (por exemplo, a *Aquarela do Brasil* pode-se associar Carmen Miranda, as mulatas do Sargentelli, etc.; à música do Legião, pode-se associar o rock nacional, os movimentos de contestação estudantis, etc.). Nesse momento, ainda não é necessário fazer registro escrito.
- Trabalhar a *geografia do Brasil* suposta nas duas músicas. Para isso, é interessante ter na classe um grande mapa do Brasil e ir localizando nele as coisas nelas referidas; é importante fazer sempre a correlação político-cultural, se possível representando-as em um painel.
 - ✓ Em *Aquarela do Brasil* pode-se identificar referências a raças (o mulato, a mãe-preta), costumes / elementos de cultura (samba, congado, renda, bailes, etc.), regiões (cerrado, o coqueiro – litoral nordestino). De fato, essas referências se associam a construção de uma idéia de “Brasil de Exportação”, de folclore e de paraíso.
 - ✓ Em *que país é esse*, os espaços geográficos são referidos mais precisamente (Amazonas, Araguaia, Baixada Fluminense, Mato Grosso, Minas Gerais, Nordeste) e em função de associações e articulações político-sociais (a região do Araguaia é conhecida pelos conflitos de posse da Terra; a Baixada Fluminense é uma das áreas mais violentas do país; o Nordeste é a região mais pobre) os

espaços político-econômicos (o Senado é símbolo de poder e está em oposição a favelas).

O trabalho com mapa só faz sentido se não se limitar ao ensino escolar de identificação de lugares. Por isso, não se está propondo para “aproveitar” a oportunidade para ensinar o mapa político brasileiro, mas sim para melhor visualizar as representações que as músicas sugerem. A atividade deve ser registrada.

- Propor a correlação entre estilo e mensagem:
 - ✓ A agressividade do rock da Legião Urbana associada à idéia de violência, hipocrisia e desagregação social X a suavidade / delicadeza de *Aquarela do Brasil*, associada à idéia de tempo-espaço do prazer e da satisfação, do bem-estar geral.
 - ✓ As imagens pesadas da letra de *que país é esse* (cocaina, sangue, morte, sujeira) X as imagens paradisíacas / sedutoras de *Aquarela do Brasil* (coqueiro, bamboleio, lua, fontes murmurantes, etc.)

Essa atividade pode ser feita através da identificação de palavras-chaves e da montagem de um quadro contrastivo.

- Propor aos alunos que, trabalhando em pequenos grupos, identifiquem o modo como cada uma das músicas “vê” o Brasil, anotando semelhanças e diferenças e, em seguida, que procurem explicar os resultados a que chegaram.
É preciso cuidar aqui com elementos importantes e difíceis de tratar: 1. criar uma dicotomia maniqueísta que vê uma música como boa e a outra como má (é muito mais rico e interessante, além de mais verdadeiro, perceber as duas músicas como expressões da cultura brasileira); 2. Explicar as diferenças a partir da idéia de que o Brasil dos anos 40 era mesmo a maravilha que a *Aquarela do Brasil* pinta e que sofreu um processo de degradação para ser o que descreve a música do Legião. (análise equivocada)
- Em certo momento, na música da Legião, encontramos uma referência a *terceiro mundo*. Trabalhar esse conceito, articulando-o com a ordem político-econômica internacional.
 - ✓ Que é um país de *terceiro mundo*? Quais suas características?

Atenção: mais do que a pobreza, são as disparidades, as injustiças gritantes e a subordinação política e econômicas os elementos que caracterizam um país de terceiro-mundo.

- ✓ Que outras palavras, mais positivas, têm sido inventadas para substituir a expressão terceiro mundo, marcadamente negativista?
São basicamente duas – países em desenvolvimento e economias emergentes. Mais do que **eufemismo** (expressões usadas com a intenção de falar de maneira delicada de assuntos pesados, difíceis ou ligados à sexualidade), essas expressões representam concepções políticas.
- ✓ De que modo a imagem de terceiro mundo aparece em cada uma das músicas?

Em *que país é esse* pelo conflito evidente, brutal e a denúncia irônica da submissão aos países centrais; em *Aquarela do Brasil* pela imagem de país tropical, agrário, pré-industrial e pré-capitalista (o paraíso é sinônimo de primitivismo).

- ✓ Montar conjuntos de palavras associadas à idéia de terceiro-mundo.

2º MOMENTO: Estudo do Texto

Explorando as conceitos centrais e os conteúdos históricos

O texto oferece, de certa forma, a síntese da análise de Marilena Chauí sobre as principais características da sociedade brasileira, incluindo os mecanismos de reprodução, as relações de poder e aprofundamento das desigualdades sociais, ou seja, a autora procura analisar, mostrar as funções ideológicas de uma mitologia fundada no verdeamarelismo, numa espécie de “culto à brasilidade”, um culto a uma “entidade”, uma nação sem povo, uma idealização que justifica dominações e exclusões.

Antes de iniciar o estudo do texto é interessante desenvolver uma atividade preliminar onde os alunos-trabalhadores possam expor suas idéias sobre o que vem a ser um símbolo e o papel que eles exercem. Para facilitar a abordagem, solicitar exemplos dos símbolos nacionais que circulam nos ditos populares e músicas ou nas expressões ligadas ao esporte: *"Este é um país que vai prá frente"*, *"Moro num país Tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza"* etc.

Questões que podem orientar a observação: formas e cores, ritmo e sentido das palavras, quais as mensagens cifradas pelas respectivas linguagens.

Os repertórios levantados nas diversas atividades devem ser anotados para que durante o desenvolvimento do módulo, nos momentos apropriados, possam ser retomados e aprofundados em suas especificidades, quanto ao seu sentido e os conceitos que implicam e articulados às abordagens históricas, promovendo, assim, maior diálogo com as experiências de vida dos alunos-trabalhadores.

Logo no início do texto, a autora faz uma analogia com o Manifesto do Partido Comunista - de Marx e Engels, escrito em 1848, que reflete a ameaça sentida pelas elites dominantes na Europa, no século XIX, frente ao processo de organização crescente da classe trabalhadora. Já aqui no Brasil, as elites tratam de forjar uma identidade nacional expressa na "história oficial", esvaziando a participação do povo como sujeito histórico, ou seja, desconsiderando as lutas e reivindicações populares, como já é indicado no primeiro parágrafo. Um caráter nacional brasileiro construído por uma parcela da sociedade (as elites e a intelectualidade brasileiras).

Obs.: Os dados contidos no texto sobre o número de Estados da Federação devem ser atualizados.

Logo no 2º parágrafo, são abordados aspectos sobre a bandeira nacional e depois sobre o hino nacional brasileiro. Neste momento pode-se fornecer dados sobre o momento histórico em que esses símbolos foram elaborados, e quais os sentidos que eles podem ter assumido naquele momento. Por exemplo, é interessante saber que a bandeira do Brasil é a bandeira da República, regime político que foi estabelecido através de um golpe militar. O que é contrário ao próprio sentido de República (coisa pública). Em outras palavras, o símbolo é uma representação da essência, e não da história; mas é criado e adquire sentidos relacionados ao contexto histórico, político e cultural de que faz parte. Quer possuir valor universal, mas seus valores são datados e têm funções ideológicas. Essa ideologia legitima o Estado que nascia do golpe, sem participação popular, uma ação militar que continuou excluindo o povo da participação política, o que ocorria desde o período colonial. Nessa ideologia, é o Estado que constrói a nação. No século XIX, essa relação entre Estado e Nação era fator histórico importante para a construção das identidades nacionais. (ver **HOBBSAWM**)

O texto mostra como uma mitologia - que a autora define como um conjunto de referências de significado sobre as relações entre os homens, a natureza e deus - serve de base para a elaboração de ideologias, ou seja, de sistemas de idéias que justificam a realidade e passam dessa realidade para uma imagem monolítica e intemporal.

Para iniciar, é importante levantar com os alunos-trabalhadores as palavras e os conceitos desconhecidos, recorrer aos dicionários da Língua Portuguesa disponíveis, e outros apoios como dicionários de Política. Discutir o sentido das palavras-chaves é o “gancho” para analisar as idéias da autora sobre a ideologia, a mitologia verde-amarela. Outra estratégia interessante é pedir aos alunos que definam a identidade brasileira, e comparar essas definições com o conteúdo da ideologia verde-amarela.

Conceito e imagem do Brasil: ideologia funde ambas, a imagem sintetiza e simboliza um conjunto de idéias: o que é o Brasil, qual sua vocação, qual o sentido de sua história, quem o constrói. Nesse discurso, o Brasil aparece como sujeito, e a identidade desse sujeito se realiza na relação entre Deus, a Natureza e o Estado; como retrata a música de Jorge Benjor: “Moro num país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza”; e a frase: “Brasil, ame-o ou deixe-o” da época da ditadura; visão que exclui o povo como sujeito, atribui à História uma consciência extra-histórica, cujas expressões realizadoras são “entidades” como o Estado (gerente do “destino” sem tensões, baseado na lógica absoluta da “ordem e do progresso”).

O segundo passo seria a leitura coletiva do texto, e um trabalho em grupo no qual se possa explorar os argumentos da autora com a sistematização das idéias que permita analisar a distância e as contradições entre a *mitologia e ideologia* e a *realidade*.

Segundo a autora: “A mitologia captura a temporalidade, elaborando uma história sem rupturas”.

Pode-se organizar uma proposta de construção pelos grupos de um quadro comparativo, como no exemplo abaixo:

MITOLOGIA	PRÁTICAS HISTÓRICAS
Natureza brasileira: 1. “Esta, Majestade, é uma	1. Descobrimento (Carta de Pero Vaz de Caminha)

<p>terra tão fértil que nela, em se plantando, tudo dá”;</p> <p>2. o Brasil como “dom da Natureza” e “presente de Deus” à humanidade</p> <p>3. “nosso céu tem mais estrelas”, “nossos bosques têm mais flores”; “a Natureza, perpetuamente em festa, é um seio de mãe a transbordar carinho”</p> <p>(...)</p>	<p>2. (apesar das secas nordestinas, das enchentes sulinas, das endemias, da fome e da miséria);</p> <p>(...)</p>
<p>Povo brasileiro:</p> <p>1. “povo heróico”;</p> <p>2. “três raças irmãs” e como povo pacífico, ordeiro e não violento;</p> <p>(...)</p>	<p>1. auto-imagem celebrativa, enfatizando o lado “bom selvagem tropical” que constituiria o caráter nacional brasileiro na perspectiva das oligarquias agrárias;</p> <p>2. Ainda que uma delas tenha escravizado (...); apesar do genocídio da população indígena, da escravidão da população negra, do extermínio físico e psíquico dos trabalhadores, da repressão e destruição dos movimentos políticos populares e de esquerda, das mortes violentas pela posse da terra; apesar da discriminação visível e invisível não só com relação aos imigrantes, mas sobretudo contra os negros – como na frase costumeira e naturalmente pronunciada: “um negro de alma branca”-, do anti-semitismo difuso e do aristocrático desprezo pelos árabes comerciantes;</p> <p>(...)</p>
<p>País:</p> <p>✓ “gigante pela própria natureza”;</p> <p>✓ “novo florão da América, iluminado ao sol do Novo Mundo”</p> <p>✓ hospitaleiro e acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e progredir</p> <p>✓ como país de um povo alegre e sensual</p> <p>✓ como “país dos contrastes”-</p> <p>(...)</p>	<p>Brasil Potência 2000,</p> <p>Apesar de, no início deste século, a legislação possuir itens específicos para extradição dos estrangeiros “agitadores” e a atual Lei dos Estrangeiros prever a expulsão sumária de todos os “indesejáveis”; apesar da legislação trabalhista fundada em princípios fascistas; da política econômica que concentra a riqueza, arrocha os salários, drena os recursos dos trabalhadores pela poupança compulsória, mantém a instabilidade e a alta rotatividade do emprego;</p> <p>apesar do machismo, do conservadorismo católico, da discriminação sexual legitimada pela religião, pela medicina e pela legislação penal;</p> <p>não evidentemente, entre pobres e ricos, mas entre nossas paisagens e nossos tipos humanos, como o “resignado caboclo”, o “sertanejo, antes de tudo um forte” e o “laborioso sulino”. Contrastes que são a promessa de um futuro de grandezas sem par.</p> <p>o jogo autoritário do favor, da patronagem e da clientela,</p>

	reforçando o círculo de ferro de arbitrio-transgressão-arbitrio. (...)
--	---

Obs.: Na coluna das práticas históricas, os alunos podem acrescentar outros dados que não constam no texto, mas que a turma julgue interessante discutir, afim de ampliar os conhecimentos e aprofundar o debate.

Quando a autora aborda sobre o "mito do brasileiro cordial, ordeiro e pacífico" é importante debater os fundamentos desta visão e analisar as **relações entre o público e o privado constituídas no Brasil**.

Neste sentido, a contribuição de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* nos ajuda a refletir sobre este aspecto tão marcado na sociedade brasileira. *Para o autor, o processo de modernização do Brasil, não consegue separar-se dos laços afetivos, passionais para o bem ou para o mal, que herdou do sistema patriarcal. Assim, a construção de uma sociedade plenamente política no Brasil enfrentaria a resistência dos que 'se opõem à abolição da velha ordem familiar por outra, em que as instituições e as relações sociais, fundadas em princípios abstratos, tendem a substituir-se aos laços de afeto e sangue'* (*Raízes do Brasil*, p.103).

A prevalência dos valores familiares e seu transbordamento para o espaço público implicam em 'fortes restrições à formação e evolução da sociedade' (*Raízes do Brasil*, p.103). Sérgio Buarque de Holanda alerta que desde os tempos do Império já se constatava que os vínculos familiares eram demasiado fortes, e que apenas a educação superior, freqüentemente realizada longe da família, podia formar verdadeiros homens públicos (...)

O espaço doméstico, na sociedade patriarcal, é o espaço da desigualdade, da hierarquia, cada um tem o seu lugar rigidamente definido. (...). Para Sérgio Buarque, a gestão do Estado Brasileiro ressentia-se de uma administração baseada em critérios de capacidade, prevalecendo largamente as relações de camaradagem, que acabam por reforçar o interesse privado em detrimento do público, 'Não era fúcial aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público'. (*Raízes do Brasil*, p.105).

(...)

A relação com a família, no caso brasileiro, não se restringe a valores morais ou religiosos, o mais pernicioso é que o comportamento privatista dos que são encarregados dos negócios públicos é guiado pelo patrimonialismo (de pater (pai) e por derivação patrimônio). A defesa do pai (padrinho) é a defesa do seu patrimônio.

Homem cordial: etimologia - coração

(...) *As relações que prevalecem no Brasil ainda são, segundo o autor, as baseadas na intimidade, cada um vale de acordo com a sua proximidade do poder. Dessas relações desequilibradas nasce um tipo brasileiro ao qual Sérgio Buarque de Holanda dá o nome de "homem cordial", aquele que pode agir de acordo com os ditames do seu coração, ora sendo carinhoso e protetor, ora autoritário e cruel.*

A cordialidade, muito longe da urbanidade, é uma relação de poder. Quem tem poder, econômico ou político, é que decide a hora de ser ou não preconceituoso, de sorrir ou ralar, de acalantar ou espancar. A cordialidade não é legítima nem estável, assenta-se numa precária "ética de fundo emotivo", eternamente cambiante.(...) - Ismael Venâncio de Melo.

Sugestão: Pode-se complementar a atividade assistindo e analisando o filme Macunaíma (citado pela autora), caso seja viável.

Desenvolvimento 2

Para finalizar este momento de trabalho com a ficha, discutir com os alunos o conceito de Nação (VER HOBBSAWM) e relacionar com a ideologia que foi sendo transformada ao longo da História do Brasil (utilizar Anexo I para organizar marcos históricos):

	Marcos Históricos	
Consolidar a Nação		o que legitimou o extermínio dos rebeldes de Canudos e do Contestado); durante os anos 20 e 30
Construir a Nação		o que permitiu a absorção de todas as manifestações culturais pelo Estado); durante os anos 40 e 50
Desenvolver a Nação		fazendo com que a Cultura Popular fosse considerada atraso, ignorância e folclore, no início dos Anos 60
Conscientizar a Nação		levando o populismo a produzir a imagem dupla da Cultura Popular como boa-em-si e alienada-em-si, precisando da condução de vanguardas tutelares e revolucionárias
Proteger e integrar a Nação		o que levou às práticas “modernas” de controle estatal da Cultura Popular
Conciliar a Nação		o que talvez seja feito num grande festim onde comeremos broa de milho

Seria fundamental que parte desta abordagem, o educador trabalhasse organizando uma exposição dialogada, incluindo a construção de um esquema onde pudesse ser visualizado diferentes períodos históricos para a compreensão da constituição do Estado Brasileiro. Para auxiliar nesta abordagem, constam vários textos que remetem a diferentes períodos da história (Anexo I do Cadernos de Subsídios do Educador) como também o esquema abaixo.

Características da Sociedade Brasileira:

- Fortemente verticalizada em todos os seus aspectos:
 - Relações sociais e interpessoais \Rightarrow um manda, outro obedece
 - Diferenças viram desigualdades
 - Outro não é sujeito (é objeto)
 - Relações entre desiguais = favor, clientela, tutela ou cooptação
 - Desigualdade muito marcada \Rightarrow violência, opressão física ou psíquica
- Divisão social de classes \Rightarrow naturalizada



Sociedade sob o "*signo da nação una e indivisa*"

Resultado: Sociedade Brasileira é autoritária \Rightarrow autoritarismo político

Conclusão: luta muito mais difícil

Traços marcantes da sociedade autoritária:

1. *Naturalização das divisões sociais, das diferenças, naturalização da violência* \Rightarrow matriz senhorial (político senhorial)

2. *Privatismo do Estado* (ou das relações) \leftarrow mando/obediência

Estrutura verticalizada



"alguns são mais iguais que os outros perante a lei"

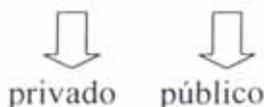


dificuldade de lutar por direitos substantivos (fundamentais, básicos)

3. *Encolhimento do espaço público* (direitos)

Alargamento do espaço privado (economia)

"Os donos do poder"



(estrutura colonial)

4. *Ações e imagens (representação)* → "sociedade pacífica e ordeira"

↪ negação do conflito = (ameaça Estado)

- *Mass media* (meios de comunicação de massa)
- Discurso da unidade
- Repressão (violência)
- Descredenciamento das instituições

5. *Fascínio pelos signos de poder* (prestígio) ← sociedade senhorial

X
Desprezo pelo Trabalho { Salário mínimo
 Desempregado responsável p/desemprego
 Trapaças trabalhistas

Apartheid

<p>Situação: Desigualdade salarial: homens x mulheres, brancos x negros Crianças sem infância Exploração de idosos Sem terra, sem teto, sem emprego Acidentes de trabalho</p> <p>Motivos (discurso hegemônico): Ignorância, preguiça, incompetência, tendência à vadiagem, à mendicância, à criminalidade "natural"</p>	<p>Brasil 3º lugar em desemprego 2º lugar em má distribuição de renda 8º PIB do mundo R\$ 90.000.000.000,00 por ano em segurança pública e privada</p>
---	---

↪ *Estado* = "poder dos outros"
 Executivo (governo)

Excluídos do Estado { Legislativo → corrupto e venal
 Judiciário → injusto, distante (doutores)



Processo de salvação = Estado forte (autoritário)

Neoliberalismo:

Lado econômico: *acumulação de capital com desemprego estrutural*

Lado da política: *privatização do público*

Reforço de privilégios:

1. Destinação de fundos públicos para investimento no Capital;

2. Privatização = transferência para oligopólios do bem público;
3. Direitos sociais \Rightarrow serviços privados (educação, saúde e habitação)

Resultado: *Polarização entre carência e privilégio*

A terceira via

- Fim da divisão direita e esquerda
- Necessidade de uma "economia mista"



"Modernizar o centro" \Rightarrow justiça social sem luta de classes (!?)

Foco \Rightarrow atenção : liberdades e iniciativas individuais



"Sociedade do bem estar" \Rightarrow desobrigar o Estado de dar conta da exclusão

Inclusão política e econômica de todos é impossível porque gera desgoverno

Justiça social = igualdade econômica
Liberdade política = cidadania democrática



Descartadas

ABORDAGEM II:

Visa desenvolver os seguintes objetivos do módulo:

- ✓ Estudar as diferentes linguagens e formas de expressão das idéias e da realidade;
- ✓ Possibilitar a leitura crítica de produções nos diferentes suportes de comunicação, envolvendo o debate sobre as relações entre a ideologia do consumo, exclusão social e violência;
- ✓ Problematizar sobre os diversos "modelos" presentes no discurso hegemônico - que estabelecem padrões de relações familiares, de gênero, de comportamento, entre outros que estão, por vezes, naturalizados na sociedade em geral - a partir do desencadeamento de uma análise crítica com base na identificação das condições objetivas existentes e sua relação ou não com estes discursos;
- ✓ Debater as relações de gênero estabelecidas na sociedade em geral;
- ✓ Discutir a relação entre a educação institucionalizada, a organização da cultura e a construção de consensos na sociedade;
- ✓ Debater sobre a influência da mídia/dos meios de comunicação na construção do pensamento hegemônico e os impactos no cotidiano social e político dos trabalhadores.

Subsídios para os Educadores:

ARBEX, José. *Telejornalismo*. In. *O Poder da TV*. São Paulo: Editora Scipione. 1995 (Ponto de Apoio), p.p.8-43. (Caderno de Subsídios - Módulo 4)

ECO, Humberto. *O Televisonário*. In. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1984. p.p.243-251. (Caderno de Subsídios - Módulo 4)

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983 (Coleção Primeiros Passos, 110). (Caderno de Subsídios - Módulo 4)

CHAUÍ, Marilena. Capítulo: *Cultura Popular e autoritarismo*. In. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Editora Brasiliense. 5ª ed., 1993, p.p. 47-85.

GRAMSCI, Antonio. Capítulos: *A organização da escola e da cultura e Para a investigação do princípio educativo*. In. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 1982, p.p. 117-140

OLIVEIRA, Francisco de. *Privatização do público, destruição da fala e amulação da política: o totalitarismo neoliberal*. In. *Os sentidos da democracia: política do dissenso e hegemonia global*. Francisco de Oliveira e Maria Célia Paoli (orgs.), Petrópolis : Editora Vozes, 1999, p.55-81.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro : Ed. Record, 2000, p.p. 17-20 e 37-78

Material utilizado: Ficha 2: A Deusa dos Raios Azulados - Ignácio de Loyola Brandão, Vizinhos Internautas - Carlos Heitor Cony; **Ficha 7:** Mulher desesperada mata marido - Notícias Populares, Tragédia brasileira -Manuel Bandeira; **Ficha 8:** Gramática balística - Aniella A. Vaz

Desenvolvimento 1

Trabalho com a **Ficha 7:** Mulher desesperada mata marido - Notícias Populares, Tragédia brasileira -Manuel Bandeira

Ler inicialmente os dois textos, ambos em tom de notícia de rádio sensacionalista. A leitura tanto pode ser feita pelo professor como por um grupo de alunos que se proponha a prepará-la com antecedência.

Pode-se, alternativamente, dividir a classe em dois grandes grupos, cada um lendo e conhecendo apenas um dos textos. Cada grupo deve contar e comentar o texto lido para o outro.

Questões para trabalhos em grupos após as leituras dos textos:

1. A notícia da morte de Geraldo, oferecida de maneira direta e seca, relata um assassinato motivado por acontecimentos cotidianos na vida de Eva e de milhares de brasileiros.
 - ✓ *Que informações da reportagem sugerem que se trata de uma família comum?*
 - ✓ *Como você imagina que fosse a vida desta família?*
2. Levantar outros fatos semelhantes e redigir as notícias.
 - ✓ Uma notícia é sempre a versão de um fato. Dependendo a maneira como o repórter redige a matéria, ele leva o leitor a encarar o ocorrido de um modo ou de outro.

Que expressões presentes na notícia evidenciam que o repórter adotou uma postura hostil a Geraldo e favorável a Eva?

3. Apesar de ter um final muito parecido – a morte trágica do companheiro – *Tragédia Brasileira* tem um enredo bastante diferente, o que faz com que o leitor tenda a condenar a atitude de Misael.
 - ✓ Quais as diferenças presentes nas duas histórias que fazem com que as pessoas tendam a aceitar mais um dos crimes que o outro.
 - ✓ Avaliar o sentido de cada história dentro do contexto da cultura brasileira.
4. Faça de conta que você é um editor de jornal e que, ao receber as duas “reportagens”, precisasse lhes dar uma manchete. Que manchete daria a cada uma?

PALAVRA: USO E SENTIDO

Eva é uma doméstica. A palavra, originária do latim (“domesticu”, de “domus”), significa “do lar”. No entanto, há no português contemporâneo uma diferença importante entre “doméstica” e “do lar” quando nos referimos à ocupação profissional de uma mulher. Explique o sentido de cada uma das expressões, caracterizando suas diferenças quando ao uso e valor.

O JULGAMENTO DE EVA E DE MISAEEL

A seguir, apresentamos um roteiro para a organização de um julgamento para cada um dos crimes organizados. A classe deve ser dividida, para cada julgamento, da seguinte maneira:

- ✓ Um juiz,
- ✓ As testemunhas (a mãe de Eva, algum amigo, o delegado que recebeu ela na delegacia)
- ✓ Um corpo de jurados
- ✓ Os advogados de defesa (é melhor que seja uma equipe, para preparar a argumentação)
- ✓ Os promotores públicos (também uma equipe)
- ✓ O réu ou a ré, conforme o caso

É interessante que as pessoas troquem de função em cada julgamento.

A seguir, apresentamos um roteiro para organizar o trabalho das equipes de defesa e de acusação.

PREPARANDO O DISCURSO

Vocês vão escrever um **discurso** com a finalidade específica de convencer um corpo de jurados (seu interlocutor direto) de que sua tese (isto é, seu ponto de vista) está correta.

Para fazer isso de forma convincente, vocês não devem se limitar ao simples relato dos fatos já conhecidos. É fundamental analisar a situação, discutindo o sentido da atitude de Eva ou de Misael; mostrar o que significa um gesto em legítima defesa e por que o que o acusado fez se encaixa (ou não) nesta situação.

As perguntas abaixo podem ajudá-los a preparar o discurso.

Eva apresenta motivos para ter feito o que fez: o alcoolismo e a violência do marido. Misael, por sua vez, mata a companheira por sua infidelidade.

Fazendo de conta que vocês são peritos em criminologia, reconstituam os acontecimentos que culminaram com as mortes de Geraldo e de Maria Elvira (a reconstituição pode ser uma peça importante no julgamento).

- ✓ O homem bebe e, quando bebe, fica violento. Que relações podemos estabelecer entre alcoolismo e violência?

O adultério, apesar de comum, é censurado pela moral da sociedade e pode ser causa de atos violentos, como o praticado por Misael.

- ✓ É legítimo alguém reagir com violência por causa do adultério? Justifiquem a resposta com argumentos baseados na realidade social.
- ✓ Como avaliar os comportamentos de Eva e Misael, considerando a situação de vida de cada um?
- ✓ Que outra atitude – diferente de matar o(a) companheiro(a) poderiam tomar se estavam insatisfeitos?

Fazer a mesma análise para o comportamento de Geraldo e de Maria Elvira.

Roteiro de Discussão:

Em que medida seus atos justificariam a atitude de Eva ou de Misael?

Legítima defesa, de acordo com o dicionário Aurélio, é “o emprego dos meios necessários e ao alcance para resistir à força ou agressão, sem que ultrapassem os limites da razão ou da justiça natural”.

- ✓ Na sua opinião, Eva agiu em legítima defesa? E Misael? Por quê?

Agora preparem seu discurso. Deve-se ter sempre em mente que, apesar de escrito, um discurso é uma peça para ser falada (ou lida) e, portanto, tem uma estrutura própria. Durante o discurso trate de:

- ✓ Localizar bem o assunto;
- ✓ Estabelecer vínculos com o interlocutor (o corpo de jurados);
- ✓ Definir uma estratégia para expor os argumentos;
- ✓ Garantir uma progressão argumentativa que permita assumir seu ponto de vista com naturalidade;
- ✓ Definir um “estilo” e mantê-lo durante todo o discurso.

Desenvolvimento 2

Trabalho com a **Ficha 8**: Gramática balística - Aniella A. Vaz. O texto é uma crônica. A autora, após narrar, num estilo ligeiro, informal e muito criativo, um episódio da vida urbana – uma briga num ônibus por causa de um cigarro –, faz uma reflexão sobre o modo de vida sociedade urbana contemporânea.

A autora chama a atenção para a violência presente no cotidiano e para o sentimento de insegurança que predomina em todos. O ponto alto de sua crônica é a parte em que indaga sobre o poder da linguagem.

Fazer a leitura expressiva da crônica, procurando enfatizar as emoções que ela suscita. Após a leitura, abrir espaço para que os alunos façam depoimentos de situações semelhantes e discutam o conteúdo do texto.

Articular este debate com o estudo da ficha **Vizinhos internautas**. Lá se coloca a questão do afastamento das pessoas na vida urbana; aqui subjaz ao texto a dificuldade de relacionamento e o medo que perpassa o espaço público. Nos dois casos é preciso cuidar

para não se reforçar o mito *antigamente era melhor* (um típico chavão para ser desmontado a partir da análise feita sobre lugar-comum / provérbios no estudo da ficha **Bom conselho**).

Questões para debate (podem ser preparadas em grupo):

1. De que modo o episódio narrado por Aniela Vaz demonstra seu sentimento de que o *uso da palavra é um risco de vida*?
 2. *Hoje você realmente morre pela boca* é um trocadilho com um conhecido ditado popular.
 - ✓ Identifique e explique seu sentido usual; em seguida, diga que significa o *realmente* acrescentado à frase por Aniela.
 3. *E daqui a pouco não haverá mais advogados nesta terra* é um jogo de palavras, uma figuração (é claro que vai continuar tendo advogados).
 - ✓ Por quê os advogados deixariam de existir na lógica criada pela Aniela?
 - ✓ Que papel a frase cumpre na argumentação da autora?
 4. Reparem que a palavra *terra* está especificada pelo pronome *esta*.
 - ✓ Quais as interpretações que o leitor pode fazer sobre a expressão *nesta terra* (isto é: o que quer *dizer* terra)?
 - ✓ Que conseqüências cada interpretação possível tem para a análise do assunto?
 5. Na análise de Aniella, a palavra transforma-se literalmente em uma arma.
 - ✓ Identificar e transcrever o trecho em que esta imagem é evidente, explicitando o recurso usado pela autora para construí-la.
4. O que a autora quer dizer com gramática balística?

Desenvolvimento 3

1. Para finalizar esta abordagem pode-se trabalhar com os textos contidos na ficha 2, que também são crônicas e tratam de questões relativas aos meios de comunicação, incluindo os novos suportes da tecnologia da informação (internet) e os impactos no cotidiano familiar e nas relações sociais em geral.

Nos dois textos vários elementos podem suscitar discussões relacionadas a percepção da turma sobre o tema.

É interessante levantar junto a turma as opiniões ou hipóteses acerca do tema. É importante registrar tais argumentos e opiniões, propiciando assim, a construção de um quadro síntese para que o coletivo possa visualizar os elementos levantados o que poderá facilitar a organização do debate.

2. Realizar a leitura coletiva dos textos.

Algumas idéias contidas nas crônicas podem ser trabalhadas afim de problematizar modelos institucionalizados na sociedade em geral, como por exemplo, o lugar principal é do pai...; a mulher mergulha na telenovela...etc.

Solicitar que em grupos, os alunos-trabalhadores selecionem nos dois textos, trechos que remetam, em suas opiniões, em "modelos", para depois serem debatidos com o conjunto da turma.

Neste momento é importante refletir sobre a influência ou não da educação institucionalizada - a escola, e a cultura (ver Gramsci), pontuando alguns elementos, como por exemplo, os modismos, os consensos sociais acerca que algum tema emergente etc.

Questões a serem trabalhadas:

O texto sugere que a falta de diálogo na família é ocasionada pela TV, no entanto, é importante ampliar este debate.

- ✓ Será que a TV tem o poder de substituir as relações afetivas no interior da família ou fora dela? Entre as pessoas, de modo geral?
- ✓ A TV pode funcionar como um consolo diante da impotência sentida pelas pessoas de transformarem a realidade a qual estão submetidas, restando apenas sonhar? E neste caso, é possível mudar esta situação? De que forma?

Outra questão refere-se a ideais de vida, padrão de comportamento, esteriótipos etc. promovidos nos comerciais de TV. É interessante também, se possível, gravar alguns comerciais e procurar identificar as idéias chaves presentes e procurar realizar a crítica (sempre lembrando que aqui, criticar não é o mesmo que falar mal, mas sim depreender qual é a mensagem aparente e qual é a mensagem subliminar - disfarçada).

ABORDAGEM III:

Visa desenvolver os seguintes objetivos do módulo:

- ✓ estudar as diferentes linguagens e formas de expressão das idéias e da realidade;
- ✓ debater sobre a cultura popular e cultura de massa: reprodução e resistência;
- ✓ realizar uma abordagem introdutória à estatística a partir da leitura e interpretação de tabelas e gráficos e elaboração de proposta de pesquisa estatística (tema, objetivos e metodologia), aprimorando a interpretação, formulação e reformulação de idéias, textos, contextos, situações-problemas e conceitos;
- ✓ debater sobre o conceito de cultura articulando as diferentes concepções de mundo, tendo a categoria trabalho como fundante na mediação com a natureza e na re/produção das relações sociais;
- ✓ aprofundar articulações entre dados, informações, contextos, problemas, e hipóteses.

Subsídios para os Educadores:

CHAUÍ, Marilena. Capítulo: *Cultura Popular e autoritarismo*. In. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Editora Brasiliense. 5ª ed., 1993, p.p. 47-85.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro : Ed. Record, 2000, p.p. 17-20 e 37-78

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1983 (Coleção Primeiros Passos, 110). (Caderno de Subsídios - Módulo 4)

Anexo II: Subsídios Estatística

Material utilizado: Ficha 1: Charge; **Ficha 3:** Textos para debate: *Texto 1:* Cultura de massa e cultura popular - Alfredo Bosi e *Texto 2:* Cultura popular e período popular - Milton Santos; **Ficha 6:** O Recital - Luiz Fernando Verissimo; **Ficha 10:** A mitologia Verde-Amarela -Marilena Chauí

Desenvolvimento I

Com as fichas 3, 5 e 10 é possível organizar o desenvolvimento que recupere elementos da abordagem I possibilitando o aprofundamento de temas que possivelmente possam já ter aparecido, como Cultura popular e cultura de massa.

Por exemplo, a **Ficha 5**: Textos para reflexão: Comunicação, Cultura e Sociedade remete à importância da memória coletiva, que recria o sentido do passado e é um processo constituinte da identidade do grupo, que se realiza através da comunicação entre os seus membros; isso coincide com a idéia que Marilena Chauí na ficha 10, de que a ideologia dominante se realiza historicamente, muda ao longo do tempo, sempre em relação com as necessidades de dominação novas, que surgem da dinâmica social. A população não é passiva, embora às vezes sua consciência da realidade seja manipulada. Nesse sentido, o texto de Marilena Chauí (Ficha 10), relaciona-se com a ficha 3 que trata da dinâmica histórica entre as culturas de massa e popular: a população assimila as idéias e as reelabora, não é agente passivo.

Desenvolvimento 2

A **Ficha 6**: O Recital - Luiz Fernando Veríssimo nos dá a oportunidade de explorar as diferentes expressões existentes na cultura erudita e popular, relacionando as condições objetivas que emergem cada uma delas.

1) Ler o texto procurando realçar o tom humorístico que ele traz. Abrir espaço para que os alunos possam dar suas impressões sobre o texto.

Apesar de relativamente fácil, o texto traz algumas palavras e referências que podem ser desconhecidas dos alunos. Antes de continuar a atividade vale a pena esclarecer estes casos.

2) Numa segunda leitura, pode-se fazer um trabalho coletivo – um aluno assume o papel de narrador e outros interpretam as personagens.

- ✓ Trabalhar com os alunos as experiências que já tiveram de presenciar espetáculos musicais, teatrais, etc.
- ✓ Fazer um levantamento das (principais) casas de espetáculos da cidade e da região;
- ✓ Trabalhar o conceito de recital e outras formas de apresentação de música erudita (concerto, saraus, etc.) e populares (seresta, serenata, baile, show, etc.)

O levantamento sobre as experiências dos alunos em atividades culturais (cinema, shows, teatro etc.) pode ser articulado ao desenvolvimento 3 desta abordagem, que envolve atividades de leitura e interpretação de gráficos e tabelas e elaboração de proposta de pesquisa.

3) Há, durante toda a crônica, diversas referências ao comportamento próprio de uma platéia em um concerto de música erudita.

- ✓ Registre os mais significativos e explique por que, na organização do texto, ganham um tom caricatural.
- ✓ Comparar com o comportamento típico de apresentações populares.

4) A forma como o autor descreve da atitude dos músicos também joga com o comportamento esperado destes profissionais. O caráter polido com que o primeiro vionilista dirige-se ao homem da tuba é um bom exemplo disto.

- ✓ Fazer um levantamento do comportamento de artista e discutir o sentido que isso tem na construção do mito e da imagem pública.

- ✓ Observando as falas do violista, apontar os aspectos lingüísticos que as identificam a uma forma “cultura” de linguagem.
 - ✓ Supondo que, ao invés de um recital, estivesse ocorrendo um concerto de rock, reescrever as falas do primeiro violista, caracterizando o modo de falar próprio desta nova situação.
- 5) O homem da tuba, ao responder ao primeiro violinista, afirmar que sua intenção era tocar seu instrumento ali com eles, o que provoca risos da platéia.
- ✓ Discutir essa reação. Por que risos?
 - ✓ Ameaçado de ser retirado à força do palco, o homem da tuba ameaça tocar um *pof*, o que imediatamente faz que o primeiro violista resolva conversar. De onde viria, dado o contexto, a força desta ameaça e por que o comportamento do homem da tuba causa risos na platéia?
- 6) Na tentativa de participar do Recital, o homem da tuba lança mão de várias modulações discursivas, atuando de modo ameaçador, depois suplicante e, ainda, sedutor.
- 7) Em cada uma de suas falas, estabelece um contraponto entre o popular e o erudito. Relendo suas falas, explicitar o tipo de oposição que ele faz.
- 8) O Recital transforma-se em tumulto. Ao contrário da imaginária passagem de uma manada de zebu – que, apesar de ser absolutamente insólita e poder gerar alguns transtornos, mas não causaria grandes estragos no recital –, a entrada do homem carregando uma tuba no palco cria um tumulto capaz de acabar com o recital.
- ✓ Que coisa tão extraordinária tem neste fato para causar estrago tão grande?
 - ✓ Por que a manada de Zebu já não cria nenhum efeito ao passar no palco no final do conto?
- 9) A partir da análise feita do conto, procurar desenvolver um debate sobre as culturas de massa e popular a partir da seguinte frase: A população assimila as idéias e as reelabora, não é agente passivo.

Desenvolvimento 3

É importante realizar atividades que permitam a apropriação de informações e análise da realidade, ampliando-se no processo de ensino e aprendizagem elementos que permitam a prática de investigação permanente. Portanto, é interessante realizar exercícios que permitam discutir hipóteses acerca de determinado tema, bem como desenvolver instrumentos para coleta de dados (questionários) e categorias de análise dos resultados obtidos.

Neste sentido, a introdução à estatística é uma boa oportunidade para materializar este processo. A estatística é uma atividade muito usada atualmente para transmitir grande quantidade de informações. Em uma tabela ou gráfico, podemos sintetizar um texto com um enorme quantidade de dados. Contudo, para que se possa analisar com clareza uma pesquisa estatística, alguns cuidados devem ser tomados, considerando que nenhuma informação é neutra.

Aqui vão algumas dicas:

1. Procurar conhecer quais os objetivos de quem está veiculando estes dados
2. Fazer uma leitura integral, não esquecendo de fundamentalmente ler as notas de rodapé e as informações com letras bem pequenas que ficam abaixo dos gráficos ou nos cantos do local onde estão impressos. Isto é básico para a interpretação correta dos dados;
3. Observar se os gráficos ampliam nosso conhecimento sobre determinado assunto;
4. Observar como foi construída a amostragem

Obs.: Mesmo que todos os itens acima não sejam possíveis de se investigar, atentar fundamentalmente para o item 3.

A amostragem de uma pesquisa deve contar com a opinião de diferentes pessoas. Se quisermos, por exemplo, saber qual a quantidade de desempregados numa determinada cidade, é preciso que façamos a pesquisa em diferentes ambientes: pontos de ônibus, locais centrais da cidade, praças públicas etc. Se formos à porta de uma empresa, provavelmente encontraremos poucos desempregados em relação aos empregados, portanto, é necessário buscar coerência considerando as probabilidades, para que não se desvie o resultados real da pesquisa.

Outra preocupação, refere-se a quantidade de pessoas entrevistadas. Um jeito de não errar, seria o de pesquisar todas as pessoas envolvidas no assunto, como é feito, por exemplo, nos recenseamentos. Porém esta é uma saída, às vezes, muito cara ou mesmo impossível de ser efetivada.

Por isso, é necessário eleger uma **amostra**. Nela devem estar contidas pessoas de diferentes faixas etárias, de diferentes realidades sociais e econômicas, ou ainda, de níveis de escolaridade diversos. É preciso cuidar para que a amostra tenha grande chance de refletir o que pensa a sociedade, ou aquele grupo social que vai ser pesquisado. (o Anexo II pode subsidiar esta discussão).

É importante conversar com a turma procurando levantar dados e extrair as opiniões e conhecimentos prévios acerca da estatística, propondo e anotando as respostas das seguintes questões:

- ✓ O que os alunos-trabalhadores entendem por estatística?
- ✓ A mídia costuma divulgar tabelas e gráfico. Qual é o objetivo dela com isto?
- ✓ Que tipos de gráficos você conhece?
- ✓ Toda notícia contada por meio da estatística é verdadeira?
- ✓ Você já respondeu alguma pesquisa estatística?
- ✓ O que o pesquisado pretende quando vai consultar as pessoas para uma pesquisa?
- ✓ Quais as pessoas que devem ser entrevistadas para fazer uma boa pesquisa? Por que?
- ✓ Se tivéssemos que fazer uma pesquisa estatística, qual seria um bom assunto para pesquisarmos? Por que?

Pode-se recuperar os dados da turma levantados no desenvolvimento anterior sobre as experiências culturais de cada um e os eventos culturais existentes na localidade do núcleo, por exemplo, ou outros. Procurar organizar estas informações para um trabalho de tabulação e análise dos dados, buscando uma apropriação mais significativa na interpretação de informações contidas em tabelas e gráficos articulando com a realidade da turma.

Nas últimas páginas do caderno, estão disponíveis cópias de recortes de jornal contendo duas pesquisas interessantes para exercitar a leitura e interpretação de dados. Após a análise, cada educador pode organizar um conjunto de questões para o debate.

Nesta oportunidade, pode-se desenvolver uma dinâmica com a **Ficha 1**: Charge, articulando-se os temas desta abordagem (ou outras que o grupo achar mais interessante).

A imagem suscita várias questões que podem ser exploradas, como por exemplo: 1) diferentes usos do jornal; 2) a informação contida na manchete aponta uma informação positiva, contrastando com a situação do personagem em condição miserável; 3) vincular aos dados analisados (na atividade anterior de introdução à estatística, estabelecendo o cruzamentos das variáveis levantadas.

ABORDAGEM IV:

Visa desenvolver os seguintes objetivos do módulo:

- ✓ estudar as diferentes linguagens e formas de expressão das idéias e da realidade;
- ✓ aprimorar a expressão oral e escrita, a partir da produção de textos envolvendo diferentes gêneros narrativos.

Material Utilizado: Ficha 4: Música: Bom Conselho - Chico Buarque e Caetano Veloso e **Ficha 9:** O arquivo - Vitor Giudice

Desenvolvimento 1

Trabalhando com a ficha *O Arquivo*, de Vitor Giudice

1. *O Arquivo* conta de modo extraordinário algo absolutamente corriqueiro: a vida de um funcionário de escritório. Que aspectos da história são aparentemente absurdos e por quê?
2. Transformar-se em arquivo é algo absurdo e inimaginável. Contudo, é comum usarmos expressões que falam das pessoas como se fossem coisas (por exemplo: *fulano é uma mala = fulano é chato*; ou *beltrano é um armário = beltrano é muito forte, largo*). Lembrar de outras dessas expressões e explicar o que querem dizer:
3. A estrutura narrativa de *O Arquivo* usa a inversão da expectativa para criar seu universo. João está sempre lutando para ter o contrário do que todos desejam. Fica feliz com cortes salariais, mudanças para bairros mais afastados e piores. Apesar de ser aparentemente o contrário do que todo mundo quer, o que acontece com João é muito semelhante ao que acontece com o trabalhador brasileiro na vida real. Através de uma comparação do conto com a situação de vida do trabalhador das grandes cidades, proponha aos alunos que verifiquem se a crítica que faz Vitor Giudice tem fundamento.
4. Síntese das impressões que o grupo teve da história.

UM PROBLEMA DE LÓGICA

No terceiro parágrafo de “O Arquivo”, lê-se:

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito.

Repare que o modo como o trecho está redigido destoa da perspectiva geral da história, já que *no entanto* indica uma contrariedade, o que absolutamente não acontecia. Você poderia reescrever a passagem de maneira a adequá-la à intenção do autor?

Veja esta outra passagem:

Agora João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos.

Também aí ocorre uma estrutura destoante da lógica interna do texto. Identifique qual é o termo inadequado e explique por quê; em seguida, reescreva o trecho, adequando-o à estrutura da história.

EXERCÍCIO DE REDAÇÃO

NARRAÇÃO

Há diferentes modos de falar e escrever sobre coisas extraordinárias: são histórias de absurdo, de ficção científica, de seres sobrenaturais, mitológicos, mágicos etc. Cada uma a seu modo, todas pretendem representar algo de nossa vida (fantasias, desejos, crenças, medos).

Vamos, então, criar, uma história extraordinária partindo de um fato “real” publicado na imprensa. Sua tarefa é transformá-lo em história, representando algo de sua vida. Você não precisa ficar preso ao fato, podendo utilizá-lo apenas como motivo para sua fantasia.

BOI PRESO

O subdelegado de Cafarnaum (BA) condenou à morte um boi acusado de destruir a plantação de milho de Godofredo Encarnação, que o procurou várias vezes para denunciar o boi. Como o proprietário do boi não tomava nenhuma medida para evitar que o animal invadisse a propriedade do vizinho, o delegado resolveu prender o animal, inaugurando a prisão da cidade. Antes de condenar o animal, o delegado deu um prazo de 72 horas para que o dono do boi, Manuel de Carvalho, comparecesse à delegacia para pagar os prejuízos. Como isto não aconteceu e o boi já estivesse há três dias ocupando uma das celas da delegacia, o policial mandou abatê-lo e distribuir a carne à população.” (notícia resumida da FSP 29/11/90)

Trata-se de um caso curioso e engraçado, cheio de ingredientes para construir uma narrativa viva e dinâmica. Usando o enredo básico oferecido pela notícia, narre os acontecimentos que culminaram com a condenação do animal, submetido a leis humanas; imagine como seria este “mundo”, a briga causada pelo boi, seu sofrimento perante a “incompreensão dos homens”. Se você quiser, o boi pode pensar, sentir e até falar; tudo depende da lógica interna que você der à história.

NARRAÇÃO (UNICAMP 91 - TEMA B)

Fazendo de conta que você é um escritor de ficção, construa, a partir do fragmento abaixo, uma narrativa em terceira pessoa. Seu texto deve articular logicamente os acontecimentos e criar-lhes um cenário propício:

Um astronauta, de volta à Terra depois de uma desastrosa missão entre os anéis de Saturno, começa a derreter. Enlouquecido, foge da quarentena da NASA e ataca pessoas nos campos, crianças brincando, um fotógrafo e sua modelo recalitrante, um casal de velhinhos.

Atividades

Ler em voz alta o conto de Vitor Guidice.

A leitura deve ser pausada e interpretativa, reproduzindo o sentimento do texto.

É importante destacar os diálogos dos trechos narrativos e marcar a “progressão” experimentada por João em sua vida profissional. Também é interessante criar um certo suspense para dar mais ênfase ao final surpreendente da história.

1. Após a leitura, abra espaço para uma primeira rodada de opiniões / impressões da história.

- ✓ Que coisa mais chamou a atenção?
- ✓ O que mais surpreendeu?
- ✓ De que não gostou?

Como se trata de primeira exploração não é preciso aprofundar nas análises justificativas; o importante é que os alunos participem.

2. Fazer uma segunda leitura (com a participação dos alunos, que podem fazer leitura coletiva: um ocupa o lugar do narrador e outros das personagens), seguida da reconstrução de memória da história. Ela pode ser feita a partir de um conjunto de perguntas:

- ✓ De quem é a história?
- ✓ Quanto tempo ela dura?
- ✓ O que acontece com o salário de João?
- ✓ Com seu lugar de moradia?
- ✓ Com sua alimentação?
- ✓ Que acontece no final?

3. Um trabalho interessante é a identificação de palavras chaves (aquelas que melhor sintetizam a história).

Há duas possibilidades:

- ✓ Sublinhar as palavras chaves que estão no texto; ou
salário reduzido – disposição – recompensa – corte salarial – luta – reconhecimento – rebaixá-lo de posto – subúrbio – prêmios – salário eliminado – aposentadoria – desassalariado – formas desumanizaram-se – arquivo de metal

(OBS. Não é importante que as palavras sejam exatamente estas, mas sim que se faça a seleção e que haja um exercício de escrita que correspondem a uma organização sintética do texto.)

- ✓ Apresentar sínteses interpretativas.

As palavras podem ser sugeridas pelos próprios alunos; algo mais ou menos assim: trabalhador – emprego – submissão – exploração – acomodação – diminuição de salário – piora de vida – mudança – aceitação, etc.

(OBS. uma boa estratégia é solicitar de cada aluno uma palavra síntese, sua escrita na lousa e a reorganização das palavras em uma certa ordem que reflita o processo narrado na história).

6. Uma vez vivenciada a história, passar para a exploração de alguns aspectos mais ligados ao núcleo temático.

Para isso, dividir a classe em grupo para discutir os temas apresentados no roteiro anexo (como sempre, a equipe de educadores pode modificar ou complementar o roteiro conforme achar apropriado).

No final da aula, cada grupo apresenta as conclusões a que chegou e se faz uma síntese do trabalho.

Desenvolvimento 2

Ficha 4: Música: Bom Conselho - Chico Buarque e Caetano Veloso

Sugestão de atividades:

1. Antes mesmo de ouvir a música, fazer uma discussão sobre o que são e para que servem os provérbios. Para isso, use o verbete do dicionário **Aurélio** abaixo transcrito:

PROVÉRBIO [Do lat. *proverbiu.*] *S.m.* **1.** Máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens; adágio, ditado, anexim, refrão, rifão. Ex.: “Casa de ferreiro, espeto de pau”. **2.** Pequena comédia que tem por tema o desenvolvimento de um provérbio. (Dicionário **Aurélio**)

Procurar ver com a classe (em plenária ou em pequenos grupos):

- ✓ Os provérbios, ditados que conhecem;
- ✓ Seu significado simbólico;
- ✓ A forma como os conheceram e as situações em que usam / ouvem;
- ✓ Sua opinião sobre sua validade.

Sugestão de atividade em grupo

No livro **Chico Buarque – Literatura Comentada**, a professora e crítica literária Adélia Bezerra de Menezes escreve:

Em certo nível, poderíamos dizer que há uma homologia – isto é, uma relação de correspondência – entre a estrutura de uma sociedade fechada, de rigidez de costumes, formal, organizada em torno de hábitos “inevitáveis”, e o mundo dos provérbios, que é o universo do pensamento estereotipado, feito de repetições e acomodações.

É o lugar-comum e o provérbio que constroem o ideário popular, feito de recorrências e fatalidades que levam à aceitação acrítica de qualquer situação.

O provérbio significa a “consagração” de usos e costumes que se impõem a todos. Num certo sentido, é um apelo para a inércia, um convite ao conformismo: “Quem espera sempre alcança”. A sabedoria popular é, em suma, uma receita tranqüilizante.

Perguntas para debate:

- ✓ A autora diz que ditados populares são uma receita tranqüilizante e dá de exemplo o famoso *quem espera sempre alcança*. Que idéia de passividade haveria nos ditados que vocês listaram na atividade anterior?

- ✓ Dêem exemplos de outros ditados populares que trariam mensagem de comodismo, explicando por quê.
- ✓ O que haveria nos provérbios que levaria à “anulação da iniciativa pessoal e do ato individual”?
- ✓ Podemos interpretar os ditados de uma forma diferente do que faz a autora? Qual (quais)?

Ouvir a música Bom Conselho, de Chico Buarque.

A música **Bom Conselho** é uma paródia, toda feita de ditados populares invertidos. Fazer o levantamento dos provérbios espalhados pelo texto, recompondo-os na sua forma original.

Em seguida debater o “conselho” dado pelo músico.

Trabalhando com paródias

Paródia é um texto feito a partir de um anterior que ironiza ou humoriza o texto original. Os ditados populares preconizam a idéia de fatalidade: as coisas são inevitáveis e devemos nos conformar com elas. Mas que *de grão em grão a galinha enche o saco* pode ser a opinião de uma galinha faminta.

A inversão de sentido de um provérbio, e sua conseqüente ruptura, pode refutar o conformismo que ele promove.

- ✓ Mais vale um pássaro voando que dois na mão é um provérbio invertido. Qual o sentido original do provérbio e que novos valores encontramos no ditado invertido.
- ✓ Reconhecer os provérbios originais das paródias abaixo e explicar que crítica elas lhe fazem:
 - Quem corre chega primeiro
 - Um dia é da caça e o outro também
 - Quem cedo madruga tem sono à tarde
 - Água mole em pedra dura tanto bate até que cansa

Millor Fernandes também arriscou mexer com ditados populares. Veja só o uso que fez de um dos mais conhecidos:

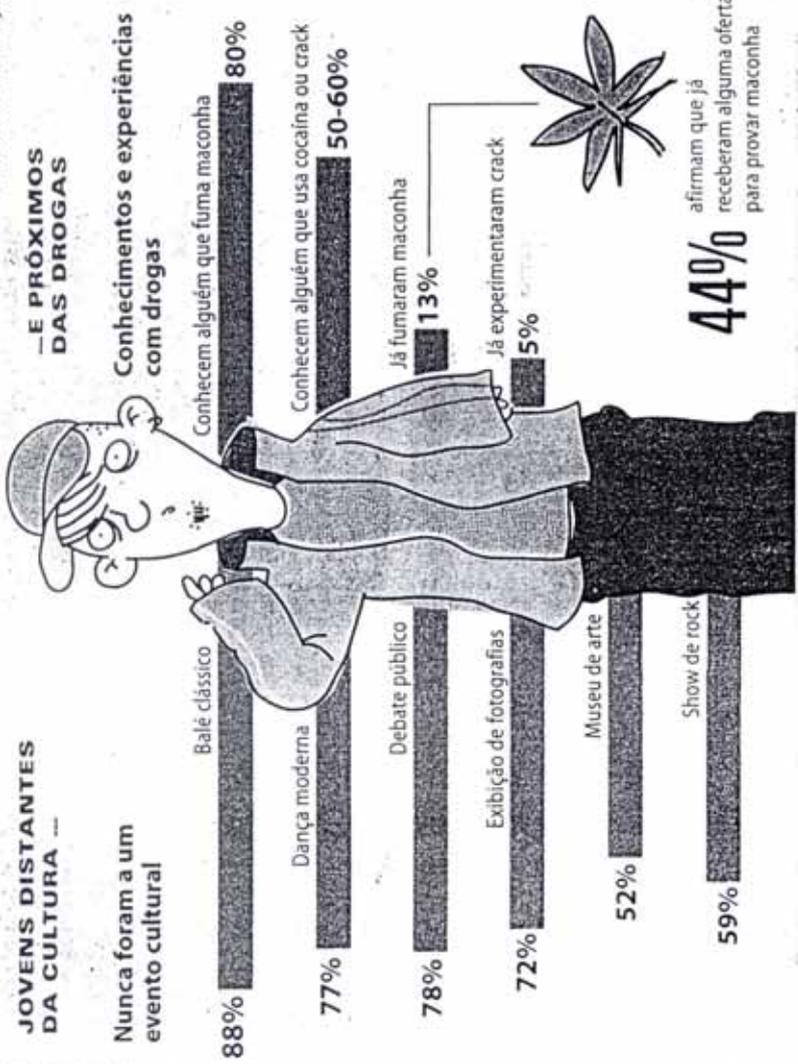
De unidade de cereal em unidade de cereal, a ave de crista carnuda e asas curtas e largas da família das galináceas abarrotada a bolsa que existe nessa espécie por uma dilatação do esôfago e na qual os alimentos permanecem algum tempo antes de passarem à moela

Como vocês já perceberam, Millor fez uma paródia do ditado popular *De grão em grão a galinha enche o papo*. A nova forma, de modo cômico, através da mudança de registro lingüístico e da interpretação literal, destrói a alegoria do provérbio e, conseqüentemente, torna ridículo seu “conteúdo”.

Seguindo o exemplo de Millor, faça o mesmo como ditado *de cavalo dado não se olham os dentes*.

JOVENS DISTANTES DA CULTURA

—E PRÓXIMOS DAS DROGAS



Como os jovens usam o tempo livre



Maioria já viu alguém se drogando

DA REPORTAGEM LOCAL

locais fechados (em casa ou na de amigos ou em bares, por exemplo). Só 18% provaram substâncias em áreas públicas.

Dos consultados, 56% já passaram em alguma ocasião pela prisão, e um terço admitiu que ocasionalmente vendia drogas.

O consumo de álcool por jovens também ocorre em larga escala e foi confirmado em pesquisas domiciliares (53,2% dos consultados), em pesquisas em escolas públicas (74%) e entre meninos de rua (54,4%).

Entre esses últimos, são elevados os níveis de uso permanente de maconha (50%), inalantes (59,6%) e crack (46,5%).

Facilidade

Há uma larga convicção, entre os adolescentes, de que a maioria das drogas pode ser facilmente adquirida, apesar dos perigos: 66% dos jovens de 12 a 17 anos acham que é muito fácil comprar maconha e 57,5% acreditam o mesmo em relação à cocaína.

Segundo as pesquisadoras, essa facilidade de acesso pode descreditar campanhas educacionais.

O que reforçaria a tese de que, nas áreas periféricas, podem ter mais efeito políticas públicas de investimento em infra-estrutura para o lazer.

Estudo se baseou em 4 pesquisas

As pesquisas citadas na pesquisa encomendada pela OMS são as seguintes:

1) "Levantamento domiciliar nacional sobre o uso de drogas psicotrópicas", de José Carlos F. Galduróz, Ana R. Noto, Solange Nappo e E. A. Carlini (1999) Unifesp-Cebrid-Fapesp;

2) "Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras", de José Carlos F. Galduróz, Ana R. Noto e E. A. Carlini (1997) Unifesp-Cebrid;

3) "Levantamento sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua de seis capitais brasileiras" (1998) Unifesp-Cebrid;

4) "Cocaine-Profiles, drug histories, and patterns of use of patients from Brazil" - Substance Use & Misuse, de John Dunn e Ronaldo Laranjeira (1999).

Prisão

Outra pesquisa, com jovens submetidos a tratamento de recuperação, revela que a maioria (71%) experimentou drogas em

Fonte: Fundação Perseu Abramo - Núcleo de Pesquisa e Opinião (NPO); Pesquisa Juventude, Cultura e Cidadania (PJC) - levantamento feito em 2007 para o projeto "Jovens e Drogas".

Rio Pesquisa mostra que índices de desemprego e instrução são piores entre as mulheres que engravidaram na adolescência

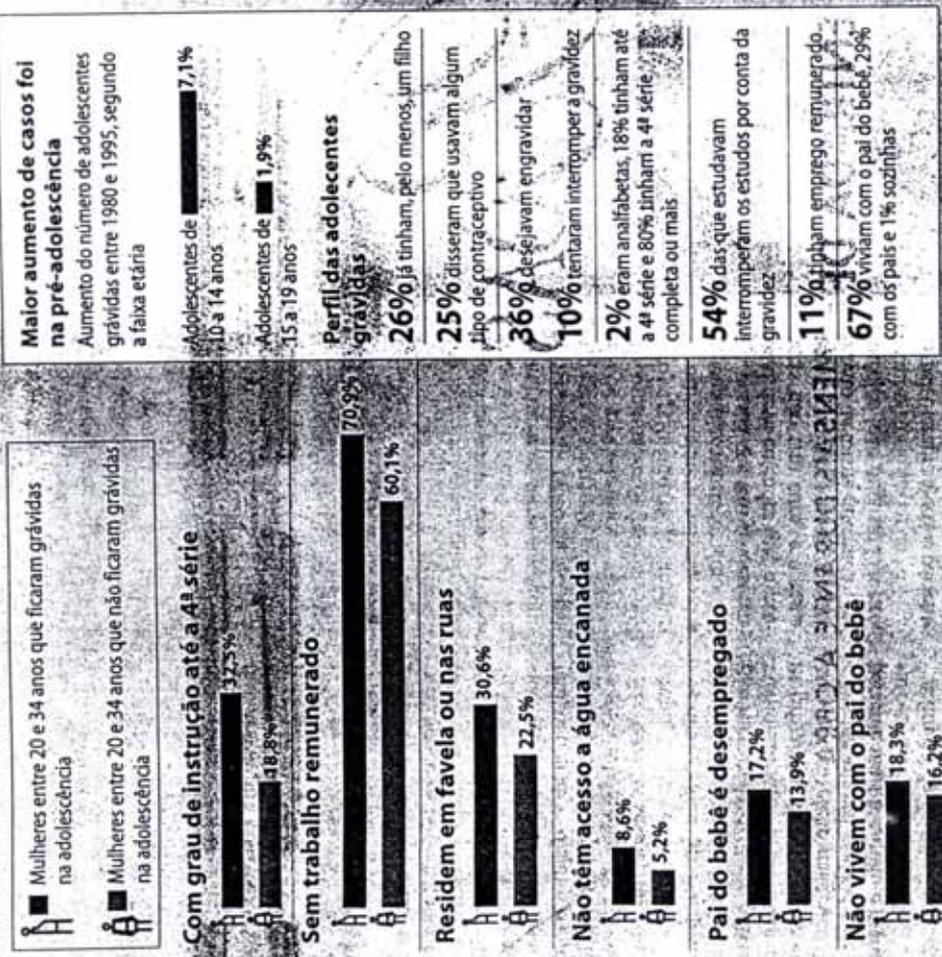
GRAVIDEZ PRECOCE DIMINUI QUALIDADE DE VIDA

Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano. Domingo, 06/05/2001

Edição de Arte/folha imagem

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA AFETA ESTUDO E RENDA

Qualidade de vida das mulheres que engravidaram na adolescência é pior.



SABRINA PETRY
DA SUCESSAL DO RIO

Mulheres que tiveram filhos na adolescência tendem a ter pior qualidade de vida no futuro do que as que não engravidaram antes de completar 20 anos. É o que revela uma pesquisa realizada pela Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) com mães residentes no Rio de Janeiro.

O levantamento foi feito entre julho de 1999 e fevereiro deste ano com 10 mil mulheres — de 10 a 35 anos — em maternidades públicas, conveniadas com o SUS e particulares da capital. Posteriormente, o estudo foi dividido em duas partes: análise das adolescentes grávidas (de 10 a 19 anos) e comparação da situação das mães de 20 a 34 anos.

Segundo a pesquisa, os índices de desemprego, instrução e qualidade de moradia são piores entre as mulheres que engravidaram quando adolescentes. "A gravidez, nas classes mais baixas é complicada pela falta de estrutura e pela situação socioeconômica dessas pessoas. Quando a gestação ocorre na adolescência, o problema se agrava. A situação de pobreza, se soma a falta de estrutura emocional da jovem grávida, que muitas vezes não tem o apoio do pai da criança e da própria família", explica a autora da pesquisa, Silvana Granado.

Ela diz ainda que a gravidez na adolescência é mais comum nas áreas mais pobres da cidade. "A falta de instrução, o fato de muitas meninas não estarem na escola e mesmo a falta de perspectiva de uma vida melhor contribuem para esse aumento."

Estudos

Os dados mostram que 32,5% das mães que engravidaram na adolescência estudaram, no máximo, até a quarta série do ensino fundamental, e que 70,9% estão desempregadas. Entre as que não tiveram filhos antes dos 20 anos, os números são melhores: apenas 18,8% estudaram só até a quarta série e 60,1% não têm emprego.

O desemprego também é maior entre os pais dos bebês das mulheres que engravidaram na adolescência: 17,2%, contra 13,9% dos homens do outro estrato.

O estudo diz ainda que 30,6% das mulheres do primeiro grupo moram em favelas ou nas ruas — 22,5% das outras entrevistadas estão nessa situação. Entre as que engravidaram na adolescência, 18,3% não vivem com o pai do bebê, o que ocorre com 16,2% das mulheres que tiveram filhos depois dos 20 anos.

A pesquisa revela que, de 1980 a 1995, aumentou a incidência de adolescentes grávidas, principalmente na faixa etária dos 10 a 14 anos. "O aumento nessa faixa é devido a uma questão de saúde pública", diz Silvana Granado.

Entre meninas de 15 a 19 anos, o aumento, nesse período, foi de 1,9%. A partir dos 20 anos, o índice diminuiu gradativamente.

Dentre as adolescentes entrevistadas, apenas 36% disseram que desejavam ter engravidado. O principal motivo alegado por elas é o status que o filho traria.

"Elas nos contaram que grávidas são mais respeitadas na comunidade. Muitas também alegaram que engravidaram para sair de casa, achando que isso faria com que elas melhorassem de vida", disse a pesquisadora.

Para Granado, outro índice preocupante é o de uso de contraceptivo: só 25% das entrevistadas disseram utilizar algum método para não engravidar — 26% delas já tinham, pelo menos, um filho.

"A falta de apoio do namorado é comum. Muitos não assumem a criação e 60% deles abandonam a menina antes de o bebê completar 1 ano", completa.

O abandono dos estudos também é uma consequência grave para essas adolescentes: 54% delas deixaram de frequentar a escola por causa da gravidez.

"Isso acaba virando uma situação sem volta. A maioria larga os estudos. Grande parte delas não os retoma posteriormente, principalmente porque têm mais filhos. Daí em diante, tudo fica mais difícil, arrumar um bom emprego e cuidar dos filhos sozinhas. É o ciclo da pobreza", conclui Silvana Granado.

Executiva Nacional da CUT 2000/2003

João Antonio Felício: Presidente
Mônica Valente: Vice-Presidente
Carlos Alberto Grana: Secretário Geral
Remígio Todeschini: 1º Secretário
João Vaccari Neto: Tesoureiro
Kjeld A. Jacobsen: Secretário de Relações Internacionais
Gilda Almeida de Souza: Secretário de Política Sindical
Altemir Antônio Tortelli: Secretário de Formação
Sandra Rodrigues Cabral: Secretária de Comunicação
Pascoal Carneiro: Secretário de Políticas Sociais
Rafael Freire Neto: Secretário de Organização

Diretoria Executiva:

José Jairo Ferreira Cabral, Maria Ednalva Bezerra de Lima, Elisangela dos Santos Araújo, Luzia de Oliveira Fati, Riata de Cássia Evaristo, Lúcia Regina dos Santos Reis, Jorge Luís Martins, Lujan Maria Bacelar de Miranda, Temístocles Marcelos Neto, José Maria de Almeida, Júnia da Silva Gouvêa, Wagner Gomes, Gilson Luís Reis, Júlio Turra.

Suplentes:

José Gerônimo Brumatti, Francisco Alano, Aldanir Carlos dos Santos, Wanderley Antunes Bezerra, Rosane da Silva, Dirceu Travesso, Mônica Cristina da S. Custódio.

Secretaria Nacional de Formação

Secretário Nacional de Formação: Altemir Tortelli

Coordenação: Martinho da Conceição

Equipe Assesores: Archimedes F. Lazzeri, Dirceu Fumagalli, Egeu Gomez C. Furtado, Gilberto Barbosa da Silva, João Carlos Nogueira, João Marcelo Pereira dos Santos, Lenir de Fátima Viscovini, Maristela M. Bárbara, Marta Domingues, Paula Cristina Bernardo, Rosana Miyashiro Fahl, Sandra R. de Oliveira Garcia

Parcerias: Dieese

Participaram da elaboração desta publicação: Rosana Miyashiro Fahl, Maristela M. Bárbara, Sandra R. de Oliveira Garcia

Assessoria Externa: Luiz Percival Leme Britto – Professor do Programa de Mestrado, da Universidade de Sorocaba – UNISO, Maria Auxiliadora B. A Megid – Universidade de Campinas - Unicamp/SP, Yone de Carvalho – Professora do curso de Graduação e do Programa Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP

Apoios: Vera Lúcia de Oliveira

Confederações

Presidente

Eliane Cruz – CNTSS
Edson Luiz Bernardes – CONTICOM
Siderlei de Oliveira – CONTAC
Jaci Pinheiro da Silva – CNTV
Juarez Bispo Mateus – CNTT
Roselaine Pasquale – CONTRACS
Edilson de Paula Oliveira – CNQ
Manoel Messias Mello – FENADADOS
Luiz Antônio Souza e Silva – FITTEL
Severino Vasconcelos Aragão Filho – CNTSM
José Rui Ferreira – FASER
Lenildo Dias de Moraes – SINPAF
Luiz Gonzaga Ulhoa Tenório – FNU

Secretário (a) de Formação

Islany da Silva – CNTSS
Paulo Cesar Borba Peres – CONTICOM
Donizete Gelinski – CONTAC
Ademar Pereira da Silva – CNTV
Eduardo Pacheco – CNTT
Germano Quevedo – CONTRACS
Francisco José Souza Ribeiro – CNQ
Avel de Alencar – FENADADOS
Eliane Neves – FITTEL
Benjamim Ferreira de Souza – CNTSM
Thomas Edson Góes de Araújo – FASER
Jorge Cerbaro – SINPAF
Solange Maria de Freitas Bezerra – FNU

Coordenadores Executivos e Coordenadores Pedagógicos das Confederações